

A LITURGIA NA IGREJA:

O QUE É ESSENCIAL?

Esclarecimento preliminar

Muitos de nós já vimos ou participamos de cenas como essas:

- Uma pessoa brigando com outra porque ela não fez uma genuflexão ou uma vênia quando devia fazer.
- Um entendido em Liturgia, que foi numa palestra em algum lugar, dando uma bronca em alguém que terminou a leitura dizendo “Palavras de Deus”, ao invés de “Palavra de Deus”.
- Pessoas numa interminável discussão sobre se se deve ou não ajoelhar durante a missa.
- Alguém discursando sobre a importância da vela ou da cor de uma toalha no altar.

Também, de vez em quando, aparece ou volta um ritual: vestes diferentes para os leitores, vênias, quem pode sentar em qual cadeira.

Há quem fique estressado com isso, pois há pessoas que têm tendência compulsiva e ficam com sentimento de culpa se não fizerem o rito direitinho ou se virem alguém que não cumpriu o rito da maneira correta. Algumas chegam até a brigar com os que erram.

Pois bem, meus amigos, a intenção desse texto é a gente pensar um pouco naquilo que é mesmo essencial nas nossas celebrações. Não esquecendo, evidentemente, que ***a essência do essencial é a caridade.***

Portanto, não pretendo mudar os ritos ou defender o fim de alguns gestos ou práticas. O que quero é exatamente o que disse acima: fazer uma reflexão sobre o que é essencial e mostrar que muitas coisas que são supervalorizadas são, na verdade, dispensáveis e relativas.

1 – A Igreja quando começou

Como todos sabem, a palavra “igreja”, derivada da palavra grega, pelo latim, “*ekklesia*”, significa “assembleia, reunião”. Isso quer dizer que não era exatamente um nome próprio, mas um substantivo comum que indicava uma atividade simples: pessoas se reunindo. Portanto, o nome dessa instituição que hoje é chamada “Igreja” era apenas a indicação de uma atividade. Podemos imaginar que foi da prática de estarem constantemente reunidos é que nasceu a ideia de se chamarem “REUNIÃO”, “IGREJA”.

Essa reunião acontecia na casa de um dos membros. Era uma ceia em que as pessoas ouviam falar de Jesus, ouviam explicações sobre como as Escrituras haviam preparado a vinda dele, comentavam também sobre suas vidas – as coisas boas e

ruins que tinham acontecido –, depois oravam e cantavam, terminando com a refeição, ao fim da qual o chefe da família ou o mais velho ou o líder da comunidade repetia as palavras de Jesus da última ceia, após o quê, todos comiam do pão e bebiam do vinho consagrado.

Esse era **O** ritual cristão.

Não havia roupas diferentes – casulos, estolas, túnicas, sobrepelizes, mitras, anéis. Não havia incensos e velas especiais, apenas as velas necessárias para iluminar o ambiente, pois as reuniões, no princípio, eram realizadas no início da noite de sábado. Não havia água benta, nem adoração ao Santíssimo, nem terço, nem novenas.

2 – Os ritos sagrados da Antiguidade

Hoje, quando vamos à missa, parece que estamos numa espécie de salão de apresentação de espetáculos, com um espaço grande para a plateia e uma parte mais elevada para os apresentadores, como se fosse um palco. Aqueles que vão atuar (presidir, ler, ajudar em alguma coisa) vestem roupas especiais – casulos verdes ou vermelhos ou brancos ou dourados, outros de túnica ou sobrepeliz branca, outros de túnicas vermelhas. Em algumas ocasiões, utilizam-se incensos que espalham fumaça perfumada no ambiente – alguns gostam, outros têm alergia.

De onde vieram essas coisas?

Elas são oriundas das religiões pagãs e se devem a vários fatores, que vamos abordar mais à frente. Primeiro convém entender qual a razão desses rituais na Antiguidade

Não só nas religiões pagãs, mas também na religião de Israel, havia esses ritos e objetos, como incensos e roupas diferenciadas para os condutores do culto. Uma razão era a concepção antropomórfica sobre a divindade, quer dizer, os antigos viam os deuses (no caso de Israel, Javé) como se fosse uma espécie de ser humano imortal com poderes superiores. Por isso, achavam que os deuses gostavam de carne (do cheiro dela, ao menos) e que de alguma forma se alimentavam a partir de seus sacrifícios. Achavam que o cheiro do incenso subia aos céus e agradava aos deuses que moravam lá em cima. Na Bíblia mesmo, encontramos diversas passagens que revelam essa concepção antropomórfica de Deus. Vejam este trecho bem significativo de quando Noé sai da arca:

“Então Noé construiu um altar para o Senhor, tomou animais e aves de todas as espécies puras e ofereceu holocaustos sobre o altar. O Senhor aspirou ao agradável odor...” (Gn 8,20s.).

Portanto, o autor parece querer dizer que Deus está feliz com o cheiro de carne assada.

Outro aspecto importante era a ideia de SAGRADO que existia na Antiguidade, e que, ainda hoje, sobrevive em muitas religiões, inclusive no cristianismo.

O conceito de sagrado é o de **algo separado, diferente, especial**, que **não pode ser tocado** pelas pessoas comuns, pois tem uma energia, uma força sobrenatural que é perigosa para aqueles que entrarem em contato com ele sem a devida autorização. Um exemplo: no livro de Samuel, um leigo que acompanhava a Arca da Aliança, que

estava sendo transferida para outro local, tenta segurá-la porque ela tinha se desequilibrado; por isso, ele morre na hora (Ver 2 Sam 6). Somente pessoas especiais podiam tocar nesses objetos. Essas pessoas eram os sacerdotes. Tanto nas religiões pagãs quanto em Israel, os sacerdotes tinham a função de manusear as coisas sagradas, mas, para isso, eram também, em certo sentido, “separados” dos demais, quer dizer, eram sagrados (o “*sacer*” significa exatamente isso). No exercício de suas funções, para indicar sua condição sagrada, eles usavam roupas (paramentos) também especiais. Aliás, tanto eles quanto todos os auxiliares usavam roupas diferentes, conforme o grau de permissão que cada um tivesse para manusear o sagrado: o sumo sacerdote tinha roupas mais sofisticadas e mais símbolos (mitra, bastão etc.), os sacerdotes comuns tinham paramentos mais simples e, assim por diante, cada auxiliar tinha o luxo da roupa e os sinais de seu poder conforme sua importância na realização do culto.

Na verdade, todo esse cerimonial, esses incensos e aparatos se justificavam porque as celebrações pagãs eram apenas isso, não tinham nada a oferecer a não ser um ritual para agradar aos deuses, para fazer com que os deuses aplacassem sua ira e deviam ser belos e pomposos para atrair o público. Muito diferente da celebração cristã que tinha a Palavra de Deus, o Evangelho, que exigia um compromisso de vida, sendo a comunhão o alimento para se viver como cristão.

3 – Por que a Igreja adotou esses ritos?

Como vimos no começo, a celebração da Igreja era uma reunião com uma ceia (vamos usar a expressão REUNIÃO-REFEIÇÃO daqui em diante). Eles tinham consciência de que não era qualquer reunião. Tratava-se de uma reunião/assembleia convocada por Cristo, em que eles iam alimentar-se da Palavra e do Corpo de Cristo. Assim foi durante muito tempo: uma REUNIÃO-REFEIÇÃO, numa casa de alguém da comunidade, em torno de uma mesa normal.

Entretanto, com o passar do tempo, a comunidade cristã, percebendo que a volta de Cristo poderia demorar mais do que ela imaginava, começou a se organizar para prosseguir sua missão de evangelizar. Na medida em que a perseguição aos cristãos ia diminuindo, a comunidade, que já adotara aquele substantivo “*ecclesia*/reunião” como seu nome próprio ECCLESIA/IGREJA, começou a construir templos parecidos com os templos pagãos (as basílicas), pois tinham a capacidade de reunir mais pessoas do que as casas ou as catacumbas. A Igreja começou a chamar seus anciãos-líderes (presbíteros) e guardiões-responsáveis (episcopos) de **sacerdotes** e **bispos** e criou uma hierarquia religiosa.

Aos poucos também, começou a incorporar em suas celebrações os elementos do paganismo que já citamos acima. Aliás, devo esclarecer aqui que, embora, na religião de Israel, houvesse ritos semelhantes aos do paganismo, afirmo que a Igreja

os adotou a partir do paganismo porque, quando os cristãos foram aceitando esses hábitos (vestes, incenso, sinos etc.) na liturgia cristã, o templo de Jerusalém já estava destruído. Portanto, os cristãos dos séculos II em diante (quando isso começou a acontecer) não conheceram os rituais judaicos do Templo.

Além das mudanças na estrutura da Igreja (o surgimento da hierarquia) e da construção dos templos, outros fatores influenciaram o modo de se fazer a REUNIÃO-REFEIÇÃO.

Sem dúvida, uma das primeiras causas que provocou uma mudança substancial na forma da REUNIÃO-REFEIÇÃO foi o fato de começar a haver alguns abusos e confusão durante as reuniões, que São Paulo já censurara na comunidade de Corinto. Vejam só a bronca que ele dá nos coríntios:

“De fato, quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor, pois cada um se apressa a comer a sua própria ceia e, enquanto um passa fome, outro se embriaga. Não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm?” (1 Cor 11,20-22).

Assim, em razão de problemas como esses e outros parecidos, a refeição foi sendo reduzida até se resumir apenas ao essencial a “fração do pão e do vinho”, ou seja, a consagração e a comunhão. Evidentemente, mantiveram-se os outros elementos: as orações, as leituras, as reflexões.

Ao mesmo tempo, quando começaram a circular os textos copiados do Novo Testamento, além das orações de súplica, de perdão e de ação de graças, foram incluídas leituras das cartas e dos evangelhos.

Evidentemente, quando as comunidades ficaram maiores, houve necessidade de estabelecer uma sequência mais rígida, definindo os ritos iniciais, a liturgia da Palavra, a liturgia eucarística e os ritos finais.

Desse modo, as celebrações foram se tornando formais, ou seja, coisas, que eram mais espontâneas, começaram a ser regulamentadas. Foram determinadas fórmulas fixas para as saudações. Havia regras sobre como fazer a leitura e quem podia ler.

A partir daí, colocar mais solenidade e mais pompa nas celebrações era só um passo. Foi então que os rituais pagãos influenciaram definitivamente as celebrações cristãs. O que, antes, eram taças comuns de bebida passaram a ser taças de ouro ou de prata. O prato ou vasilha onde ficava o pão virou uma patena de ouro. Os bispos e sacerdotes que presidiam a celebração passaram a usar casulos, estolas, mitras, báculos e anéis do mesmo jeito que os sacerdotes pagãos. Adotou-se também o incenso, com turíbulos de ouro ou prata, que se utilizavam no ritual pagão para agradar o olfato dos deuses.

Enfim, grande parte dos rituais católicos é originária do paganismo praticado no Império Romano. Contudo, lembro que a Igreja já havia se expandido por quase todas as regiões do Império e havia diferenças nas formas de celebrar a Eucaristia. Os especialistas em liturgia chamam de “famílias litúrgicas” a essas diferenças rituais entre as regiões. Por exemplo, havia uma “família romana” (da região ao redor de Roma), em que os rituais eram mais simples, mais “enxutos”. Havia uma “família galicana” (da região que hoje chamamos de França), com rituais mais “dramáticos”. Coisas como, por exemplo, o ato de se ajoelhar, foram herdados desses ritos. O incenso também era mais usado nas celebrações dessa família galicana.

Aliás, a propósito do ato de ajoelhar-se, é evidente que, nas REUNIÕES-REFEIÇÃO, não tinha nenhum sentido a pessoa ajoelhar-se nem durante a consagração nem na hora de comungar, já que era uma refeição em torno de uma mesa.

4 – O problema desses ritos

Os ritos são importantes. Mais ainda: são essenciais. Como dizia a Raposa ao Pequeno Príncipe: “É preciso que haja um ritual” (dizia em sentido mais amplo, claro).

O problema é quando os ritos começam a se tornar mais importantes do que aquilo para o qual eles servem.

Um exemplo disso. Quando o Concílio Vaticano II determinou que as missas deveriam ser celebradas nas línguas modernas de cada povo e não mais em latim, alguns bispos e padres se revoltaram e romperam com a Igreja. Caso típico de situação onde o rito é visto como mais importante que o núcleo da Eucaristia.

O Concílio Vaticano II veio simplificar e reorganizar muitos rituais para torná-los mais acessíveis ao povo. Também tentou revalorizar as culturas dos povos, admitindo que fossem adotados alguns elementos das culturas locais nas celebrações.

Além disso, e mais importante, foi insistir na conscientização das comunidades de que a missa era, em sua essência, a Ceia do Senhor. Inclusive, adotou o termo “eucaristia” (que era usada no século II) no lugar do termo “missa”. Na verdade, as missas tinham se tornado uma espécie de “encenação misteriosa”, que o povo só podia olhar. Nessas missas, a consciência que os participantes tinham do sentido da Eucaristia como ceia era tão frágil que, às vezes, logo após a missa, se fazia uma Adoração ao Santíssimo, ou seja, nenhuma noção de que, tendo acabado de comungar, as pessoas estavam com o Cristo eucarístico em seus corações. Evidentemente, após o Concílio Vaticano II, a orientação litúrgica foi abolir a Adoração ao Santíssimo desse momento pós-missa.

Como vimos, o problema dos ritos é que, às vezes, adquirem tal importância que podem esconder o que é essencial. E lembrando, mais uma vez, o Pequeno Príncipe, “o essencial é invisível para os olhos”. Acontece que o excesso de ritos e de formalidades pode dispersar as pessoas daquilo que é essencial e impedi-las de ver o essencial

Quantas vezes ouvimos dizer que uma missa foi linda e, quando perguntamos por que, a pessoa só fala de coisas secundárias, nem aborda a mensagem nem a experiência de comunhão com Cristo. Outras vezes, vamos a missas intermináveis, cansativas, mas que as pessoas acham maravilhosas porque tinha bispo, uma porção de padres, incensos, leituras cantadas... Mas e o essencial?

Como eu dizia, o Vaticano II iniciou um movimento para tornar a Liturgia mais centrada no essencial, mais próxima do povo e menos imponente. Porém, depois, parece que houve um retrocesso e voltaram os paramentos ricos, voltaram as âmbulas, patenas e cálices de ouro. Muitos liturgistas começaram a colocar, de novo, mil regras para tudo nas celebrações: pode isso, não pode aquilo... Assim, parece que voltamos às antigas fórmulas rituais, que não acrescentam nada à nossa fé. De fato,

acho que só estimulam nossa vaidade católica para podermos dizer que nossas celebrações são mais bonitas que as das outras igrejas.

Os ritos são bons quando ajudam a captar o essencial da celebração. No caso da Eucaristia, os ritos devem nos fazer vivenciar a experiência de participar de uma refeição em que a comida é o corpo de Cristo e a bebida é o sangue de Cristo. A questão é: será que esses rituais nos levam a sentir que estamos numa ceia, a Ceia do Senhor?

Abordei aqui principalmente a Eucaristia, porque é a celebração central da Igreja e porque nela aparece de forma mais clara o quanto se perdeu, devido aos ritos pagãos incorporados, o espírito primitivo da REUNIÃO-REFEIÇÃO. Entretanto, na vida e na liturgia da Igreja, criaram-se muitas coisas que nos dispersam daquilo que é central nossa fé.

Vamos, então, fazer uma rápida reflexão sobre o que é mesmo essencial, indispensável para a vida da Igreja como Corpo de Cristo.

5 – O que é essencial na Igreja

Um banho e refeição...

Isso constitui a Igreja. Bastam essas duas coisas para pertencermos à Igreja.

O Batismo e a Eucaristia são os dois sacramentos constitutivos da Igreja.

Evidentemente, para chegarmos a esse banho e podermos participar dessa refeição, é preciso passar por uma experiência de radical mudança de vida, chamada CONVERSÃO.

Essa mudança consiste essencialmente em colocar em nossa mente, assimilar em nosso coração e praticar em nossa existência o Amor, da forma que Jesus ensinou – Amor que é buscar sempre a justiça, que é solidarizar-se com os pobres, que é colocar-se a serviço dos outros, que é compartilhar os bens; Amor que é amar a Deus como Pai e a todos os seres humanos como irmãos.

Isso é o suficiente. Mas e os outros sacramentos e cerimônias e regulamentos e cânones e rituais? São complementares. São para nos ajudar a entender melhor os mistérios da fé na nossa vida. E as festas do calendário litúrgico? É uma forma que a Igreja encontrou para realizar uma catequese geral do povo ao longo do ano.

Portanto, meus amigos, vamos nos concentrar naquilo que é importante. Vamos parar de perder tempo com o que é inessencial.

Repito, contudo, o que disse no começo: que não penso que os ritos devam ser abolidos. Pelo contrário, o que é preciso é aperfeiçoá-los, o que significa simplificá-los, para que a Eucaristia seja sentida e vivida como uma REUNIÃO-REFEIÇÃO e para que todas as nossas celebrações sejam sinal de uma Igreja despojada e servidora como Jesus queria.